

Empresários acreditam que acordo permitirá transição mais tranqüila

Para Fiesp, empréstimo deve ter apoio de todos, inclusive de candidatos

• SÃO PAULO e RIO. Normalmente avessos ao receituário do Fundo Monetário Internacional, os empresários elogiaram o acordo anunciado ontem à noite pelo governo brasileiro. Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, a liberação dos novos recursos chega em boa hora e vai garantir uma transição mais suave para o próximo governo. Já o diretor executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Cesar Gomes de Almeida, disse que o aval do FMI não deve representar sacrifícios extras, já que foi mantida a meta de 3,75% para o déficit primário nos próximos dois anos.

— O acordo deve permitir uma transição mais suave, com um primeiro ano de mandato do próximo governo menos vulnerável às condições

externas — afirmou Piva, ressaltando que o acordo deve ser apoiado por todos, inclusive pelos candidatos.

Sendas: empresas terão mais tranqüilidade para investir

Na avaliação dos empresários, o efeito imediato do anúncio será uma queda mais acentuada do risco Brasil e das cotações do dólar, embora ninguém ainda aposte em valores muito abaixo dos R\$ 3. Para Almeida, do Iedi, a moeda deve se estabilizar nos próximos dias em R\$ 2,80. Também se espera que a liberação dos novos recursos normalize as linhas de comércio exterior para as empresas brasileiras.

Para o empresário Arthur Sendas, o empréstimo trará a estabilidade e estímulo para as empresas voltarem a investir com mais tranqüilidade. Ele prevê que o reflexo será a redução gradativa dos juros, o

que é muito esperado pelas indústria e o comércio.

— O que se sente é que a economia brasileira está parada. O acordo retornará a confiabilidade. E, mesmo no período eleitoral, é uma demonstração de que o FMI acredita em nossa democracia.

Para o presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais (So-beet), Antonio Corrêa de Lacerda, o acordo foi inevitável.

— O desastre foi construído ao longo dos últimos anos e o novo governo não teria saída no curto prazo sem apoio do FMI: O acordo é uma excelente notícia, principalmente pelo volume de recursos. E as contrapartidas, pelo que foi divulgado, não penalizam o país. O problema é que o diabo costuma se esconder nos detalhes — disse Lacerda, lembrando que o acordo será detalhado em setembro. ■